

A economia solidária no município de Maragogi – Um estudo de caso do trabalho cooperativo do grupo de mulheres MASAFI

José Henrique dos Santos - IFAL
Marinalva dos Santos de Lima – IFAL/UFAL
Claudia Cordeiro de Assis – IFAL
henriquepjmp@yahoo.com.br
maceiomarinalva@yahoo.com.br
claudiacordeirinho@gmail.com

Agência financiadora: Não se aplica

GT 7 – Inserção de pessoas em desvantagem social no trabalho por meio da Economia Solidária

Resumo

No contexto atual de crises e aumento de indivíduos que trabalham na clandestinidade a economia solidária (ECOSOL) é uma alternativa que começa a conquistar espaços como política pública apoiada pelas várias esferas administrativas, o qual entidades do estado de Alagoas adotaram esta como sendo um modo de vida, através de um diferente estilo produtivo baseado na cooperação, acarretando na percepção das inúmeras oportunidades de empoderamento de gênero. Diante destas informações, o presente estudo buscou identificar o trabalho de um grupo de mulheres, que superou a barreira do preconceito e do desemprego através do trabalho cooperativo, tendo a possibilidade de comercializar seus produtos e de poder sustentar ou contribuir na manutenção da família promovendo um desenvolvimento pessoal e local além da sua própria emancipação.

Palavras-chave: Economia Solidária. Maragogi. Cooperativa. Mulher

Introdução

Este artigo é resultado do trabalho final da Especialização em Gestão Pública Municipal ofertada pelo Instituto Federal de Alagoas - IFAL, trata-se de uma investigação realizada no município de Maragogi que está situado no Estado de Alagoas distante 131 km da capital Maceió, Setur (2015), mais especificamente no assentamento Junco com o grupo de mulheres artesãs MASAFI (Mãos de Sabores e Fibras) e objetivou identificar o desenvolvimento dos processos de comercialização e de cooperação dentro do grupo de artesãs.

Fazemos aqui uma pausa para explicitar a notabilidade do aumento de grupos informais no formato de associação ou cooperativa em todo o território brasileiro que

buscam uma formalização. Este tipo de iniciativa vem crescendo em todo o país onde o objetivo é driblar o desemprego e desenvolver ações e políticas públicas de fomento ao desenvolvimento local e geração de renda e nesse contexto a economia solidária é um importante instrumento que gera novas oportunidades baseadas na cooperação e na organização autogestionária.

A investigação é de caráter qualitativo, pois como afirma Haguette (1987, p.67) *o método qualitativo possibilita enfatizar as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser*, foi de fundamental importância o uso do questionário que nos deu a base para compreender a realidade do nosso objeto de pesquisa, além da observação para obtenção das informações relativa à investigação.

Raízes históricas de economia solidária

A economia solidária é sem dúvida um modelo diferenciado e está inserido no comércio de uma maneira justa e sustentável. Segundo Singer (2002:24) a economia solidária nasce pouco depois do capitalismo industrial, como uma reação ao crescente empobrecimento dos artesãos provocados pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção. Isso demonstra que seus principais protagonistas desde a origem foram das classes populares vítimas do desemprego e da exclusão do mercado de trabalho, onde o objetivo foi o de manterem-se ativos no mercado, porém, de maneira cooperada e solidária.

Uma das principais práticas cooperada data de 1844, quando na cidade de *Rochdale*, na Inglaterra, referenciada por muito tempo como polo da indústria têxtil, diante do fechamento das fábricas, alguns trabalhadores tomaram à iniciativa de se agrupar e de forma sistematizada originar meses depois à primeira cooperativa de consumo que cresceu e incluiu novos membros locais baseando-se nos seguintes princípios:

- Igualdade de sexos entre os membros;
- Comercialização dos produtos de forma justa em peso e medida;
- Cada participante um voto;
- Divisão dos benefícios dependendo da quantidade de compras feitas por membros individuais.

Após a experiência exitosa dessa primeira cooperativa em *Rochdale*, surgiram novas iniciativas como essa na França, Espanha e outros países europeus.

No Brasil as primeiras manifestações do cooperativismo surgiram ainda no século XIX quando a mão de obra ainda era escrava. Nos anos seguintes surgiram novas cooperativas em todo o país e até 1960 o maior número delas se concentrava nos espaços urbanos. Após, houve uma inversão sócio espacial onde as cooperativas urbanas sofrem um estancamento e as rurais protagonizam este espaço.

Apesar desta dialética sócio espacial as cooperativas, alinhadas aos ideais da economia solidária, vem crescendo em todo o mundo, objetivando a superação das barreiras das desigualdades e dos preconceitos que ameaçam o desenvolvimento social. Sobre isso nos fala Singer:

O programa de economia solidaria se fundamenta na tese de que as contradições do capitalismo criam oportunidades de desenvolvimento de organizações econômicas cuja lógica é oposta à do modo de produção dominante. O avanço da economia solidária não prescinde inteiramente do apoio do Estado e do fundo público, sobretudo para o resgate de comunidades miseráveis, destituídas do mínimo de recursos que permitam encetar algum processo de auto-emancipação. (SINGER, 2002, p.112)

A economia solidária é uma iniciativa estratégica que tem dentre vários focos o de diminuir a pobreza e fortalecer o desenvolvimento sustentável em todos os níveis e planos de atuação promovendo uma inversão de valores econômicos onde a relação de quem participa deste processo se torne mais justa com os concorrentes, em uma parceria saudável e com crescente benefício para todos.

A economia solidária é ou poderá ser *mais do que uma mera resposta* à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: *uma alternativa superior ao capitalismo*. Superior não em termos econômicos estritos, ou seja, que as empresas solidárias regularmente superariam suas congêneres capitalistas, oferecendo aos mercados produtos ou serviços melhores em termo de preço e/ou qualidade. A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar as pessoas que a

adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc, uma *vida melhor*.
(SINGER, 2002, p. 1140)

A economia solidária em Alagoas

Segundo os dados do Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária (SIES), são vinculados a Economia Solidária em Alagoas cerca de 284 empreendimentos, aglutinados num contingente de 23.233 pessoas entre homens e mulheres.

Esses dados são importantes considerando a dimensão e a força que esse modelo de economia vem se desenvolvendo e como afeta diretamente a economia do estado, gerando postos de trabalhos e contribuindo para o desenvolvimento da economia local.

A economia solidária em Alagoas é uma proposta recente. Algumas atividades isoladas, sem muita expressão são datadas no início da década de 1980. Mediante a fragilidade histórica da economia alagoana, a economia solidária surge como uma alternativa ao desemprego e um importante complemento na renda familiar.

Um mapeamento realizado em 2007 pelo Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária (SIES) sobre a Economia Solidária em Alagoas revelou que 36,3% dos empreendimentos surgiram como uma alternativa de fugir do desemprego, porém é importante salientar que os empreendimentos solidários encontram muitas dificuldades, tanto na organização social como de ordem econômica essas são as maiores fragilidades dos grupos.

Em termos de apoio de políticas públicas voltadas ao fomento da Economia Solidária no estado, existe desde 2003 a ideia de valorização de iniciativas de geração de emprego e renda, ainda que timidamente assumida pelo então governo Lessa, através da Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego e Qualificação Profissional (SETEQ). É importante endossar que essa iniciativa foi fruto de reivindicações populares que já discutiam essa proposta nas plenárias temáticas dos Fóruns Social Mundial (FSM) 2002/2003 e nas três Plenárias a nível Nacional de Economia Solidária que também endossaram a desejosa criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) na qual se efetivou em 2003 no então governo Lula.

Ainda neste campo governamental, fortalece-se o apoio a ECOSOL com a homologação da Lei Estadual n.º 7576 de 24 de janeiro de 2014 que dispõe sobre a Política Estadual de Fomento da Economia Solidária – PEFES na qual afirma em seu Art. 9º seus objetivos dentre eles o de *“Apoiar e fomentar a articulação entre os empreendimentos econômicos solidários, entidades de assessoria e fomento e poder público nas diversas microrregiões do Estado, por meio de redes e avanços visando sua organização social, política e econômica.”*

Apesar dos avanços do número de empreendimentos e de investimentos vultosos do governo federal para o Estado¹, ainda assim avalia-se que pouco se difunde a importância da Economia Solidária em Alagoas, afunilando-se apenas em espaços pontuais como movimentos sociais e pequenas associações de bairros. A inclusão da Economia solidária no currículo das escolas, principalmente nas regiões mais necessitadas socialmente, certamente seria uma das saídas para a fomentação da ideia.

MASAFI - Um estudo de caso do trabalho cooperativo de um grupo de mulheres no Município de Maragogi

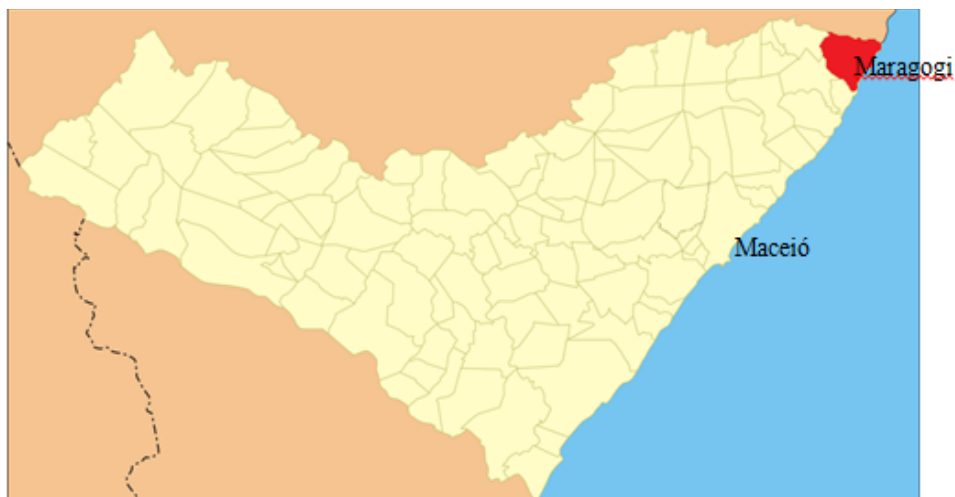
Maragogi faz parte da chamada Zona da Mata e está localizada ao norte do Estado de Alagoas, contando com uma população estimada em 28.746 habitantes² tem uma área de 335,57 km², o que corresponde a 1,20% do tamanho do estado. A temperatura média anual é de 27°C e a sua economia é baseada fundamentalmente no turismo, na pesca e na agricultura.

Maragogi concentra um grande número de assentamentos rurais tendo um total de 22, onde trabalham 1.065 famílias que vivem na zona rural de Maragogi, o que lhe confere a primeira colocação no Estado de Alagoas e a terceira em nível de Brasil em quantidade de assentamentos.

¹ Em 2013, o governo federal destinou R\$ 2,9 milhões para o fomento de Projetos Econômicos e Solidários em Alagoas através do Programa Produzir Juntos que intencionou beneficiar 17 municípios de Alagoas.

²Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=27004#>

Figura 1 – Localização geográfica do município de Maragogi no mapa de Alagoas



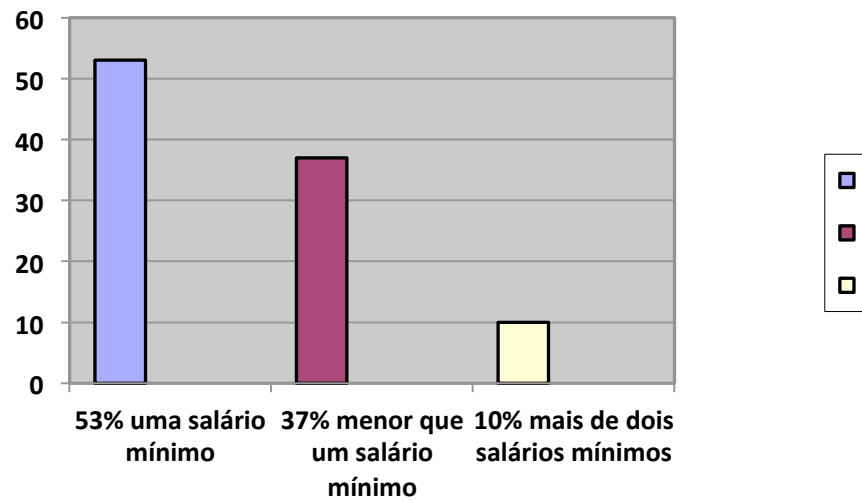
Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br?index.php/Arquivo:Maragogi.png>

Dentre estes assentamentos visitamos três deles: 1) Junco, 2) Itabaiana e 3) Javari. Assentamentos relativamente próximos, porém com realidades distintas, desde a conquista da terra ao tipo de produção agrícola. Junco é o assentamento mais longe do centro de Maragogi enquanto Itabaiana é o mais próximo. Optamos ao fim, por fazer um estudo com o assentamento Junco, pelo fato da identificação com o tipo de trabalho desenvolvido pelo empreendimento e por ser composto só por mulheres.

O assentamento Junco está organizado em agrovilas, isto é, casas construídas bem próximas das outras em um sistema de vilas e as parcelas de terras ficam mais distantes. Este modelo é geralmente utilizado para facilitar o acesso a serviços básicos, como posto de saúde e escola por exemplo.

A economia local é baseada na produção agrícola, segundo dados fornecidos por Oliveira (2011) 53% dos assentados possuem uma renda mensal de um salário mínimo, 37% tem uma renda menor que um salário mínimo e 10% possuem uma renda maior que dois salários mínimos, como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico1 – Situação econômica dos moradores do assentamento Junco



Fonte: Elaboração própria

A necessidade de realizar algo diferente que gerasse uma outra renda para a família no assentamento, fez com que algumas mulheres se reunissem para realizar um trabalho utilizando a fibra da bananeira. Aprenderam a arte com a líder do empreendimento Dandarart do assentamento Itabaiana e o resultado foi a elaboração de peças que só existem nessa região, segundo o relato delas próprias. O filé que conhecemos feito com a linha de crochê comum, se transforma em peças distintas quando feita com a fibra da bananeira.

Figura 2



Figura 3



Fonte: Acervo do Núcleo da UNITRABALHO/UFAL

É importante salientar que o grupo MASAFI é formado atualmente e exclusivamente por mulheres, mas enfatizamos que não há a recusa da entrada de homens

no grupo, mas sim a resistência por parte do gênero masculino de desenvolverem este tipo de atividade artesanal por acharem tipicamente feminino.

O grupo MASAFI teve origem no ano de 2008 e desde sua formação recebeu visita de turistas nacionais e internacionais interessados em adquirir seus produtos, o filé (tipo de renda), feito com a fibra da bananeira se destaca por sua beleza e originalidade.

O grupo é constituído por treze mulheres na faixa etária entre 20 e 60 anos. Todas são genitoras e o nível de escolaridade é muito baixo (quanto maior a idade menor os anos de escolaridade).

Os motivos que unem estas mulheres em cooperativa além do fator econômico, é a autonomia e a segurança conquistada por elas. Todas viviam anteriormente sob o jugo dos maridos e dependiam economicamente deles para tudo. Atualmente elas se veem mais independentes e estão participando de exposições, divulgando e comercializando os produtos em feiras locais de Economia Solidária.

A independência dessas mulheres e a necessidade de liberdade demonstra a vontade de livrar-se das correntes da dependência. É importante frisar que todas as mulheres do grupo falaram a mesma coisa, reforçando sempre o desejo de liberdade. Em um mundo globalizado a liberdade para estas mulheres significa o acesso ao dinheiro por meio do seu trabalho, sobre a importância do trabalho destacamos a citação de Durkheim:

Por aumentar ao mesmo tempo a força produtiva e a habilidade do trabalhador, ela é condição necessária do desenvolvimento intelectual e material das sociedades; é a fonte da civilização (DURKHEIM, 1999, p. 14).

O modelo auto gestor dos empreendimentos de economia solidária possibilita o crescimento coletivo por esforço também coletivo. Essa característica faz com que cada membro se sinta empoderado por também ser dono do empreendimento. O empoderamento aqui citado não é sinônimo de superioridade de gênero e sim de autonomia como afirmara Paulo Freire:

A economia solidária, mais que um modo de produção, é um modo de vida. O espírito da economia solidária é cooperar, viver melhor juntos. Ela nos obriga a ver as pessoas sob outro olhar. Todos pensam juntos. Todos decidem juntos. Os

ganhos não são só materiais, são também não materiais. É empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas (...) Empoderar não é 'ter mais' poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia, 'ser mais'. (GADOTTI, 2009, p. 48)

Para exemplificar o que Gadotti quer dizer, tomemos a iniciativa da COAPRI – Cooperativa dos Assentados e Pequenos Agricultores, ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na região de Itapeva no interior de São Paulo, onde os mesmos conseguem comercializar tudo que produzem para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do governo federal. Para dar certo, são necessárias reuniões periódicas através de assembleias onde cada um propõe, se avalia e avalia o outro e decidem quanto cada um deve retirar financeiramente a partir do esforço no processo produtivo. Desta forma todos se sentem donos do empreendimento e se sentem corresponsáveis pelo seu sucesso, com a consciência de que o outro é peça importante para essa empreitada.

Viabilidade econômica e desafios enfrentados pelo grupo MASAFI

Observamos que o grupo tem um grande potencial de produção que pode trazer grandes benefícios para o assentamento e para o município, porém necessita de formação para compreender conceitos de gerenciamento e administração do empreendimento.

A viabilidade econômica deve ser realizada antes da criação do empreendimento, (ou ao menos deveria ser assim), mas geralmente este estudo só é realizado quando o grupo já está caminhando, isto quando é realizado. Como afirma Silva (2009: 52)

Em geral se faz necessário um estudo de viabilidade econômica antes de por em marcha uma atividade econômica que vai ser desenvolvida, sem dúvidas, dada as características de organização da economia solidária no Brasil, quase sempre se inicia primeiro a atividade para mais tarde pensar em realizar este estudo.

MASAFI não fugiu a regra e também não fez um estudo de viabilidade econômica, o que traz fragilidade para elas na hora da comercialização. Elas ainda não se adaptaram, a fazer o registro de produtos produzidos e comercializados mensalmente. A produção tem a ver com as encomendas que porventura aparecer variando mês a mês.

Na sequência uma tabela com o valor dos principais produtos produzidos e comercializados por elas em 2014:

Tabela 1- Valor dos principais produtos comercializados

PRODUTO	VALOR EM R\$ POR UNIDADE
Jogo americano	Unidade R\$ 13,00
Jogo com seis peças	R\$ 90,00
Souplat	R\$13,00
Porta guardanapo	R\$10,00
Porta copos individuais	R\$ 3,00
Trilho de mesa	Entre R\$ 80,00 e R\$ 100,00
Bolsa pequena com alça	Entre R\$12,00 e R\$ 15,00
Bolsa de festa	Entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00
Luminária	Entre R\$40,00 e R\$ 100,00

Fonte: Elaboração própria a partir das informações das

Analisando a situação do empreendimento constatamos que se faz urgente e necessário à realização de um estudo de viabilidade do grupo para que possa melhorar a comercialização dos produtos.

Atualmente a confecção desses produtos é desenvolvida de forma artesanal, o que representa uma economia no sentido de não se preocuparem com despesas para compras de maquinário e manutenção destes. Elas utilizam apenas um tear, agulha e a fibra da bananeira. Porém existem outros desafios que identificamos junto a elas e que prejudicam o desenvolvimento do grupo como podemos observar a seguir:

- Mesmo morando próximas uma das outras há a falta de comunicação;
- Reuniões regulares que são importantes para discutir propostas, prestações de contas e a realização do trabalho cooperativo deixam de acontecer;
- Falta uma sede para reuniões: o espaço existente é inadequado, além de pequeno é muito quente e a falta de espaço para reuniões e armazenamento dos produtos faz com que cada uma armazene a produção em suas casas de maneira que nem sempre estes produtos são guardados de forma adequada.
- A falta de um espaço para armazenar os produtos reflete na falta de estoque, e na perda de vendas.

- A inexistência do estatuto e registro da cooperativa as impedem de pleitear concursos e projetos.

Algumas destas dificuldades estão sendo superadas com a ajuda do Núcleo de Redes Interuniversitária de estudos e pesquisa sobre o trabalho UNITRABALHO/UFAL, vinculado a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que presta assessoria ao empreendimento inserindo-o em feiras e atividades e orientando-os dentre muitos temas sobre gerenciamento, organização e legalização do grupo. Além do incentivo dado para que as mulheres que compõem o grupo voltem a estudar e que possam pleitear os diversos projetos das várias instâncias administrativas.

Quanto o apoio da prefeitura de Maragogi, percebemos que essa relação se dá no âmbito da vontade pontual das artesãs da MASAFI sem que, por parte da gestão municipal haja iniciativas concretas de suporte a estas trabalhadoras já que são sabedores desta limitação quanto a sua organização. A prefeitura parece se encontrar de portas abertas, porém as artesãs têm que ir até lá e não o contrário. Desta relação, no decorrer de seis anos de existência da MASAFI se concretizaram a ajuda das gestões municipais na liberação de transporte para participação nas feiras camponesas, organizadas pelos movimentos rurais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), CPT (Comissão Pastoral da Terra) e MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade) e nas feiras de economia solidária na capital alagoana e fora do estado.

Considerações finais

O objetivo principal deste estudo foi o de conhecer o trabalho de um grupo de mulheres que ultrapassou os obstáculos do preconceito e da falta de emprego através do trabalho cooperativo. É importante salientar que esse tipo de trabalho é uma alternativa que cresce mundialmente contra as crises e o desemprego se tornando um importante motor para a economia local e de centenas de famílias em todo o mundo.

A economia solidária promove não apenas o crescimento econômico, mas também as capacidades humanas, facilitando a ampliação do processo democrático a partir da participação de todos. Como podemos observar existem muitas fragilidades com respeito à comercialização dos produtos produzidos por MASAFI que requer uma estratégia de

planificação. A maioria dos empreendimentos de economia solidária passa pela mesma situação com respeito à comercialização, armazenamento e transporte dos produtos. A falta de financiamento, créditos e acesso às tecnologias restringem a expansão de alguns empreendimentos de economia solidária.

MASAFI vem superando as dificuldades e todos os preconceitos, demonstrando através do trabalho e da força destas mulheres que realizam seu trabalho em harmonia com a comunidade e o meio ambiente, fortalecendo, ainda que de forma embrionária, a economia local.

Referências

Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005-2007. (2009) Org. Associação Nacional dos Trabalhadores e empresas de Autogestão e Participação Acionária - ANTEAGT – São Paulo: Todos os Bichos.

DANTAS, I. (2008): A Construção da Economia Feminista na rede Xique-Xique de comercialização Solidária. In Agricultura Familiar Identidade, Cultura, Gênero e etnia, Cadernos pedagógicos Projovem Campo – Saberes da Terra – Brasília: MEC/ SECAD.

DURKHEIM. Émile. (1999): Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo. Martins Fontes

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. (1987): Metodologia Qualitativa na Sociologia. Rio de Janeiro: Vozes.

GADOTTI. Moacir. (2009): Economia Solidária como Práxis Pedagógica. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire

GOMES da Silva, A. (2009) La viabilidad de Emprendimientos de Economía Solidária en Alagoas. Trabajo de Fin de Master en Cooperación al Desarrollo. Universidad de Valencia. Valencia.

Mapeamento da Economia Solidária em Alagoas (2007) Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária. Sociedade de Projetos.

OLIVEIRA, Diogo Caetano. (2011) Perfil Socioeconômico e Cultural dos Agricultores do Assentamento Junco, em Maragogi. Alagoas. TCC. Universidade Federal de Alagoas.

Setur/AL – Secretaria de Turismo de Alagoas. Disponível em: <<http://www.turismo.al.gov.br/conhecendo-alagoas/regioes/costa-dos-corais>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SINGER, P. (2002): Introdução à Economia Solidária, São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

_____. (11/07/2013) Economia solidária. Disponível em: <<http://www.geomundo.com.br/geografia-30234.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____ (2013) Relações entre Sociedade e Estado na Economia Solidária. Consultado em: 11/11/2013. Disponível em: <<http://criticasocialista.wordpress.com/artigos-do-paul-singer/relacoes-entresociedade-e-estado-naeconomia-solidaria-paul-singer>> Acesso em: 15 jan. 2015.